



**DO MASCULINO TECNICISTA AO FEMININO SOCIAL:
UMA REFLEXÃO TEÓRICA ACERCA DA PRÁTICA PROFISSIONAL E
LINGUAGEM ANTI-SEXISTA**

Nalin Ferreira da Silveira¹

Elisângela Gomes²

Resumo: Apresenta uma reflexão acerca das práticas profissionais e acadêmicas em biblioteconomia no que tange o uso da linguagem não-sexista. A partir do uso da pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa de caráter exploratório, tem por objetivo oferecer um apanhado histórico sobre a transformação da profissão de bibliotecária, de um modelo com predominância masculina e de caráter elitista, para uma profissão com predominância feminina e voltado para questões sociais. Concluímos que embora a atuação profissional seja majoritariamente composta por mulheres, pouco tem se discutido para ressignificar esse espaço e propor mudanças no que se refere à linguagem e também nos instrumentos do fazer profissional.

Palavras chave: Linguagem anti-sexista. Prática profissional. Biblioteconomia tecnicista. Biblioteconomia Social.

¹ Mestranda em Informática na Educação pelo IFRS. E-mail: nalin.ferreira@gmail.com

² Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás (UFG) E-mail: zanza18@gmail.com

1 POR UMA BIBLIOTECONOMIA ANTI-SEXISTA NO FALAR E NO FAZER

As bases de formação do curso de biblioteconomia, mesmo em face das crescentes manifestações da sociedade e principalmente no que tange as relações de gênero, ainda se mantém fortemente atreladas ao tecnicismo. De acordo com Silveira e Reis (2008, p. 13):

o ensino de Biblioteconomia no Brasil optou, e isto é uma característica histórica, por formar profissionais capacitados tecnicamente para o processamento e gestão dos acervos preservados em uma unidade de informação, em detrimento do exercício de capacitá-los a compreender criticamente a importância que seu ofício assume no processo de construção das muitas esferas de atuação humana.

Essa manutenção do perfil tecnicista também é apontada por Rasteli e Cavalcanti (2013, p. 165) “com intensidade, vários cursos de Biblioteconomia no Brasil preocupam-se principalmente com o processamento da informação e raramente com a sua disseminação e com a formação de leitores”.

Diante desse perfil de formação, podemos afirmar uma deficiência em orientar as práticas, sobretudo as técnicas, para uma reflexão crítica a fim de atender as demandas sociais apresentadas. Esses padrões estão refletidos em diversas esferas e formas de produção de sentidos e recaem sobre a prática profissional. O questionamento sobre a flexão de gênero para o masculino quando nos referimos à quem exerce determinadas profissões parece um apontamento simplório, entretanto ele nos diz muito sobre o sistema de opressão ao qual mulheres estão subordinadas.

Na busca por uma escrita representativa que reflete o cotidiano de sujeitos que pensam o saber científico a partir de suas experiências, não há outra forma de produzir se não pela existência total e não fragmentada. Os corpos que se pronunciam nessa escrita estão marcados pelas diferenças de gênero, raça e classe, portanto é desse lugar que existimos e pensamos nossa atuação profissional. Portanto o objetivo dessa pesquisa é apresenta uma reflexão acerca das práticas profissionais e acadêmicas em biblioteconomia no que tange o uso da linguagem não-sexista.

A metodologia adotada teve abordagem qualitativa, a fim de compreender as transformações e possíveis atualizações da profissão no que se refere às questões de gênero. Segundo Flick (2009, p. 08), a abordagem qualitativa “analisa experiências de indivíduos e grupos que podem estar relacionadas a práticas (cotidianas ou profissionais), e podem ser tratadas analisando-se conhecimento, relatos e histórias do dia a dia”. Desenvolvida com base em material já elaborado como livros, artigos e teses, a pesquisa bibliográfica caráter exploratório, pois permite maior familiaridade com o problema e o aprimoramento de ideias e/ou descobertas (GIL, 2007).

2 A FEMINIZAÇÃO DA PROFISSÃO

A biblioteconomia surge como uma profissão predominantemente masculina e com forte caráter elitista, as exigências para ocupar um cargo de bibliotecário incluíam o conhecimento de idiomas e o título de bacharel (SOUZA, 2014). Apenas estes critérios já eram suficientes para excluir as mulheres do processo, já que o acesso das mulheres ao ensino superior só foi concedido no final do século XIX.

É importante ressaltar que o papel social da biblioteca não era discutido, pelo contrário, este espaço era visto como um local elitizado, cujo objetivo era a organização sistemática do conhecimento científico. Durante muito tempo, a biblioteconomia brasileira adotou o modelo francês, que trazia justamente esta ideologia elitista, científica e majoritariamente masculina. Em meados do século XX, houve uma mudança de paradigma, e passou-se a adotar o modelo norte-americano dentro do país, com um viés mais tecnicista, embora ainda bastante afastado do papel social da biblioteca. Francisco Souza (1993) alerta que este novo modelo foi importado, sem considerar o contexto brasileiro.

Ao analisar a história da Biblioteca Nacional, pode-se verificar o sexismo³ existente na instituição, Beatriz Souza (2014, p. 119) afirma que “no que concerne à

³O termo foi usado pela primeira vez pelo movimento feminista na década de 1960. Sexismo é o preconceito ou discriminação, com base no sexo, principalmente discriminação contra mulheres.

escolha de seus dirigentes, que as nomeações de cargos para essa unidade foram marcadas por uma hierarquia de gênero”, pois mesmo havendo profissionais bibliotecárias formadas desde a década de 30, apenas na década de 70 uma mulher assumiu o cargo de direção⁴. Desde então, apenas 3 mulheres assumiram o cargo (BIBLIOTECA, 2014).

A partir do século XIX, as diversas transformações sociais⁵ demandam um novo perfil profissional e institucional. Países como Inglaterra e Estados Unidos passam a ver a biblioteca como uma ferramenta ideológica, com a função de manutenção da ordem, evitando o acesso a leituras consideradas subversivas. Sendo assim, “os atributos exigidos ao profissional para trabalhar nessas bibliotecas referenciando a ordem, a educação e os bons costumes da população ancoravam-se a uma pertença feminina” (SOUZA, 2014, p. 122), pois considerava-se como atributos naturais da mulher cuidar, zelar, arrumar, guardar, preservar, etc. De acordo com a análise de Hugo Pires (2016), o aumento do tecnicismo também contribuiu para o aumento no número de mulheres na profissão, já que deixou de ter um caráter erudito.

Na década de 30, com a expansão das bibliotecas públicas e universitárias nos grandes centros começam a surgir os primeiros cursos de biblioteconomia no país. E também bibliotecas em “espaços voltados para a educação das classes baixas e da preservação de valores sociais vigentes” (SOUZA, 2014, p. 126). O contexto social sexista da época, contribuiu com a entrada das mulheres na profissão, mais uma vez, baseado em estereótipos de gênero, vendo a mulher como cuidadora, protetora e dedicada às questões sociais. É importante observar que com o surgimento de bibliotecas para educação de classes populares, a biblioteconomia sofreu uma

Trata-se de comportamentos, condições ou atitudes que fomentam estereótipos de papéis sociais baseados no sexo (KOSUT, 2012).

⁴ Jannice de Melo Monte-Mór é a primeira mulher a assumir a diretoria-geral da Biblioteca Nacional, entre os anos 1971-1979. Depois dela, assumiram a direção Célia Ribeiro Zaher (1982 a 1984); Maria Alice Giudice Barroso Soares (1984 a 1989) e Lia Temporal Malcher (1989 a 1990).

⁵ Transformações como a Revolução Industrial, desenvolvimento tecnológico, expansão do capitalismo, Guerras de independência, etc.

mudança de paradigma, finalmente despertando para questões sociais, entretanto, mantendo o caráter ideológico e doutrinador.

Mesmo quando as mulheres passam a ocupar este espaço, ele é considerado uma extensão das tarefas domésticas ou uma atividade transitória. A biblioteconomia era uma ocupação para as mulheres enquanto aguardavam o casamento ou a maternidade, assim como enfermeira ou professora, era uma profissão relacionada com o cuidar, assistir, proteger, zelar. Não era vista com um cunho intelectual, como aconteceu com os homens, no início da profissão, pelo contrário, a atividade feminina é vista com preconceito e com pouca seriedade. Beatriz Souza (2014) afirma que as bibliotecárias tiveram grande participação na construção da profissão, embora sejam pouco referenciadas na literatura.

Uma pesquisa realizada por Hugo Pires (2016) indicou que se formaram 5 vezes mais mulheres do que homens em biblioteconomia⁶ no país, indicando a predominância de mulheres na profissão. O perfil majoritário, entretanto não garantiu a atualização da linguagem utilizada, mantendo a flexão para o gênero masculino. Para Paky Franco e Júlia Cervera (2002, n.p.) as resistências a feminizar uma profissão ou cargo “nunca se baseiam em argumentações estritamente lingüísticas, porque as resistências não vêm da língua, as línguas costumam ser amplas e generosas, dúcteis e maleáveis, hábeis e em perpétuo trânsito; as travas são ideológicas”.

Portanto, não é apenas do uso da linguagem que estamos nos referindo, trata-se de compreender que outros fatores, relacionados às hierarquias de poder que influenciam a não atualização e o não reconhecimento das mulheres no exercício da profissão.

O espaço da profissão bibliotecária no mercado de trabalho e na sociedade está ligado diretamente às relações entre a constituição dos papéis e espaços ocupados por homens e mulheres ao longo do tempo. Compreender a constituição da Biblioteconomia como uma profissão feminina permite entender o comportamento desigual do mercado de trabalho e da sociedade.

⁶ A pesquisa indicou 10921 mulheres formadas em biblioteconomia contra apenas 2014 homens. (PIRES, 2016, p. 59)

Ao se estimular tais discussões, colabora-se para criar profissionais mais conscientes, que pensem e possam construir de forma igual o futuro da profissão (PIRES, 2016, p. 119)

Sendo assim não podemos nos furtar de discutir o papel social da bibliotecária na construção de uma linguagem anti-sexista. É necessário refletir sobre as ideologias dominantes que impedem a manifestação da linguagem de práticas contrárias à estrutura patriarcal.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível observar que, embora o perfil técnico, atrelado à figura masculina foi substituído pelo perfil social com a inserção da mulher no mercado de trabalho e no fazer biblioteconômico, a reflexão sobre as questões sociais se restringem ao oferecimento dos recursos e serviços e não perpassa pelas bases ideológicas.

Assumir que a biblioteconomia é composta predominantemente por mulheres também presume uma ressignificação desse lugar protagonizando esse espaço e propondo mudanças no que se refere à linguagem, mas também nos instrumentos do fazer profissional.

O uso da linguagem anti-sexista, portanto é um exercício de escuta as reivindicações de mulheres dentro e fora do ambiente acadêmico. Fala e escrita precisam ser representativas dos sujeitos que estão de sua posse. Considerar a existência da diversidade parte do respeito à subjetividade e individualidade dos sujeitos. É uma forma de acolher e despertar o sentimento de pertencimento. Sendo assim, a bibliotecária precisa realizar o processo reflexivo e crítico acerca da sua formação acadêmica e profissional, buscando medidas de combate ao preconceito.

REFERÊNCIAS

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Histórico**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, [2014]. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/sobre-bn/historico>>. Acesso em: 02 Jun. 2018.

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

FRANCO, Paki Venegas; CERVERA, Julia Peres. **Manual para o uso não sexista da linguagem**. UNIFEM (ONU), 2006. Disponível em: <<http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/publicacoes/outros-artigos-e-publicacoes/manual-para-o-uso-nao-sexista-da-linguagem>>. Acesso em: 29 maio 2018.

KOSUT, Mary. **Encyclopedia of Gender in Media**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2012.

PIRES, Hugo Avelar Cardoso Pires. **Relações de gênero e a profissão bibliotecária na contemporaneidade: panorama nacional e os motivos da entrada masculina em curso majoritariamente feminino**. 2016. 134 f. Dissertação (mestrado) – Escola de Ciência da Informação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUBD-AE6MYV>>. Acesso em: 02 Jun. 2018.

RASTELI, Alessandro; CAVALCANTE, Lidia Eugenia. A competência em informação e o bibliotecário mediador da leitura em Biblioteca Pública. In: *Encontros Bibli*, v. 18, n. 36, p. 157-180, jan. /abr., 2013.

SOUZA, Francisco das Chagas de. Ensino de biblioteconomia no Brasil: o modelo norte-americano. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 3, n. 1, p. 16-19, 1993.

Disponível em:

<<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000001422/559835c1d70203eb0706cac504da4276/>>. Acesso em: 02 Jun. 2018.

SOUZA, Beatriz Alves de. **O gênero na biblioteconomia: percepção de bibliotecárias/os**. 2014. 270 p. Tese (Doutorado em estudos de gênero) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/129392>>. Acesso em: 02 Jun. 2018.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da; REIS, Alcenir Soares dos. **Biblioteca como lugar de práticas culturais**: uma discussão a partir dos currículos de Biblioteconomia no Brasil. In: Enancib, 9., São Paulo: 2008.